

MOVIMENTOS ANTIVACINA: ACEITAÇÃO DA VACINA DO COVID-19 NA POPULAÇÃO DO NOROESTE DO PARANÁ

Isadora Presa Avila¹, Luane Nascimeto Lima², Fernanda Paini Leite³

¹Acadêmica do Curso de Biomedicina, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.
isadorapresaavila@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Biomedicina, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.
luanenlima@gmail.com

³Orientadora, Mestre, Docente do Curso de Ciências da Saúde do UniCesumar – UNICESUMAR.
fernanda.leite@docentes.unicesumar.edu.br

RESUMO

Os movimentos antivacina tiveram início em 1998, após o médico britânico Andrew Wakefield publicar um estudo relacionando a vacina tríplice viral, para prevenção de caxumba, sarampo e rubéola ao autismo. Esse movimento ganhou força considerável na pandemia do novo coronavírus que se iniciou em 2020. Com o elevado índice de mortalidade, a comunidade científica mundial se mobilizou para criar a vacina contra a Covid-19, porém sua rápida criação e liberação causaram receios na população e a falta de informação fez crescer a incredibilidade de sua eficácia, fortalecendo com isso os movimentos antivacina. Diante disso, o objetivo deste trabalho é identificar as razões que levam a população do noroeste do estado do Paraná a aderirem ao movimento antivacina, assim como verificar a prevalência de adeptos a este movimento. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo-exploratório, realizado mediante questionários aplicados através da plataforma *Google Forms*, com perguntas abertas e fechadas relacionadas a conduta vacinal e perfil socioeconômico. A amostragem será por conveniência, na qual o alcance da população de estudo será através das mídias sociais. Espera-se conhecer o perfil da população antivacinal e apresentar as razões que tem levado a população paranaense a não aderir a vacinação contra Covid-19 no estado. Com resultado obtido espera-se colaborar com o desenvolvimento de estratégias para motivar a população a aderir aos planos vacinais.

PALAVRAS-CHAVE: Cobertura Vacinal; Coronavírus; Grupos Antivacina; Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

A vacinação é uma das medidas de prevenção adotada pela saúde pública de maior sucesso e ideal para conter a distribuição de doenças infecciosas. Apesar dos avanços no seu desenvolvimento promovendo maior eficácia e segurança aos usuários, sua aplicação ainda requer aceitação da sociedade em geral (PURI, 2020).

A pouca adesão aos planos vacinais tem alertado a Organização Mundial da Saúde aos possíveis riscos à saúde global. Adeptos aos movimentos conhecidos como antivacina, acreditam que o uso de terapias alternativas pode prevenir doenças, não sendo necessária a imunização através das vacinas. Ao causar pânico na população e se apegar mais aos malefícios e não aos benefícios da vacinação, este movimento tem se propagado com facilidade a partir das redes sociais (SHIMIZU, 2018; SBMT, 2019; BELTRÃO *et al.*, 2020).

Com o tempo, embora as vacinas tenham produzido avanços na saúde humana, e que somente nos últimos dois séculos tenham aumentado a expectativa de vida em até 30 anos, ainda existem grupos descrentes sobre esta ciência (SAITA, 2019; BELTRÃO *et al.*, 2020). Atualmente, a decisão de vacinar ou não, está relacionada principalmente ao medo de reações adversas, orientações médicas e até razões culturais e/ou religiosas (BELTRÃO *et al.*, 2020).

Estes movimentos vêm sendo alimentados por eventos ocorridos desde a década passada, quando o médico Andrew Wakefield, relacionou a síndrome do autismo com a vacina tríplice viral contra o sarampo, caxumba e rubéola. Mas, em um curto período, após uma análise detalhada o General Medical Council inglês publicou um relatório afirmando

que Andrew e os demais autores do estudo foram irresponsáveis e imorais, e através de estudos comprovaram o oposto (SHIMIZU, 2018; SOUZA *et al.*, 2021).

Embora a população antivacinal seja pequena no Brasil, nos últimos anos vem ganhando força em países de alta renda. Percebe-se que o conteúdo veiculado em redes sociais no Brasil, costuma ser importado de sites estrangeiros de antivacinação, e a rápida propagação de falsas notícias, trazendo a consequência do retorno de doenças já erradicadas, como o sarampo e poliomielite (LAGO, 2018; SHIMIZU, 2018).

Desde o século XX, a taxa de vacinação infantil ultrapassou os 95%, o que demonstra que a população está bem aderente à vacinação. No entanto, em 2016, essa porcentagem caiu cerca de 10% a 20%. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a hesitação à vacina é uma das 10 principais ameaças à saúde global (SATO, 2018; CUNNINGHAM, 2020). De acordo com dados divulgados pelo Programa Nacional de Imunização (PNI), a taxa de vacinação infantil em 2017 foi a mais baixa em 16 anos, onde 312 cidades têm baixíssima cobertura contra a pólio (SHIMIZU, 2018).

Em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, disseminou-se uma inesperada doença grave de um novo coronavírus chamado SARS-CoV-2, denominado de Covid-19, uma doença respiratória aguda (VILELAS, 2020). Se espalhando pelo país e pelo mundo todo, chegando ao Brasil a partir de São Paulo em fevereiro de 2020 (CAETANO *et al.*, 2020).

Em 11 de Março de 2020 a nova doença foi caracterizada como pandemia, alertando os cientistas a ir em busca de tratamentos eficazes e métodos vacinais eficientes. A falta de tratamento específico para a nova doença Covid-19, fez com que a vacina fosse a maior expectativa para o controle da pandemia (CAETANO *et al.*, 2020; LIMA *et al.*, 2020; NICO *et al.*, 2020).

O Ministério da Saúde desenvolveu um plano Nacional de vacinação contra a Covid-19 em 18 de janeiro de 2021, estabelecendo uma ordem para os grupos prioritários. A seleção desses baseou-se em princípios da OMS juntamente com o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

De acordo com PURI (2020), de forma alarmante, essa desinformação e boatos não confirmados sobre a Covid-19 começaram a aparecer nas plataformas de mídias sociais, ameaçando enfraquecer o público muito antes da projeção de uma vacina eficaz.

Enquanto a recente pandemia do Coronavírus SARS-CoV-2 vem causando preocupação e medo na população, alguns grupos tem se aproveitado desse momento de fragilidade para usar as redes sociais para expor desinformações e dados falsos desvirtuando a realidade da condição de saúde global. Em virtude dessa posição, as medidas de prevenção são desrespeitadas, tendo consequências catastróficas, assim como nota-se um aumento da desconfiança da população quanto a eficiência das medidas preventivas apresentadas pelos Serviços de saúde (LUIZ *et al.*, 2021).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo-exploratório. Para a elaboração da revisão de literatura serão utilizados artigos de livre acesso na base de dados: *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo®), LILACS, *PubMed*. Serão considerados apenas publicações referentes aos últimos dez anos, a partir de buscas com os seguintes descritores: “Grupos Antivacinas”, “Cobertura Vacinal” “Pandemia” e “Covid-19”. A coleta de dados terá início após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UniCesumar. A amostra será composta pela população do noroeste do Estado do Paraná de ambos os sexos após a concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação na pesquisa. A amostragem será por conveniência, na qual o

alcance da população de estudo será através das mídias sociais (Instagram, Facebook, Whatsapp). Os questionários ficarão disponíveis para preenchimento nos meses de julho, agosto e setembro. Os questionários serão aplicados através da plataforma *Google Forms* e serão compostos de perguntas abertas e fechadas relacionadas ao perfil socioeconômico e condutas vacinais. Os questionários excluídos serão aqueles que as pessoas são menores de 18 anos ou não residem no noroeste do Paraná.

Após a finalização da pesquisa, as informações obtidas serão analisadas e os resultados serão tabulados utilizando o software Excel, através de tabelas e gráficos para obter a exposição e os resultados dos dados referentes a pouca adesão ao plano vacinal, buscando então, analisar estes fatores.

3 RESULTADOS ESPERADOS

É válido ressaltar que as vacinas são primordiais para manter a saúde da população e erradicar doenças imunopreveníveis, porém, a desinformação baseada em sites não confiáveis tem fortalecido o movimento antivacina.

Espera-se verificar a partir desta pesquisa, a prevalência de adeptos ao movimento antivacina na população do noroeste do estado do Paraná, assim como identificar as razões que tem levado a população a não adesão aos planos vacinais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nos resultados obtidos espera-se promover campanhas que desmistifiquem a aversão implantada por este movimento, no intuito de incentivar a vacinação no estado.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Renata Paula Lima *et al.* Perigo do movimento antivacina: análise epidemiológica do movimento antivacinação no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 6, p. e3088-e3088, 2020. Disponível em:

<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3088>. Acesso em 05 mar. 2021.

CAETANO, Rosângela *et al.* Desafios e oportunidades para telessaúde em tempos da pandemia pela COVID-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00088920, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/0102-311X00088920>. Acesso em: 23 fev. 2021.

CUNNINGHAM, A. Even covid-19 can't kill the anti-vaccination movement. Re: Katrina Meggett—Even COVID-19 can't kill the anti-vaccination movement. **BMJ**, v. 369, 2020. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/369/bmj.m2184>. Acesso em: 23 fev. 2021.

Entenda a ordem de vacinação contra a Covid-19 entre os grupos prioritários. **Ministério da Saúde**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/entenda-a-ordem-de-vacinacao-contra-a-covid-19-entre-os-grupos-prioritarios>. Acesso em: 06 mar. 2021.

LAGO, Eleonor G. Hesitação/recusa vacinal: um assunto em pauta—Editorial. **Scientia Medica**, v. 28, n. 4, p. ID32808-ID32808, 2018. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/scientiamedica/article/view/32808>. Acesso em: 23 fev. 2021.

LIMA, E.J.F.; KFOURI, R. A.; ALMEIDA, A. M. Vacinas para COVID-19- Perspectivas e desafios. **REV. RESIDÊNCIA PEDIÁTRICA**, v. 10, p. 1-3, 2020. Disponível em: <http://residenciapediatrica.com.br/detalhes/458/vacinas%20para%20covid-19-%20perspectivas%20e%20desafios>. Acesso em: 23 fev. 2021.

LUIZ, Ana Cecília Gomes Rosa *et al.* Movimento Antivacina: a propagação de uma distopia que ameaça a saúde da população brasileira. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 430-441, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/22731>. Acesso: 23 fev. 2021.

Movimento antivacina é uma das dez ameaças para a saúde mundial. **Revista da Sociedade brasileira de medicina (SBMT)**, 2019. Disponível em: <https://www.sbmt.org.br/portal/anti-vaccine-movement-is-one-of-the-ten-threats-to-global-health/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

NICO, Dirlei; MAIA, Luciana Conde Rodrigues. Coronavírus. Revista **Arquivos Brasileiros de Medicina Naval**, v. 81, n. 1, p. 8-8, 2020. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dsm/sites/www.marinha.mil.br.dsm/files/ABMN.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

PURI, Neha *et al.* Social media and vaccine hesitancy: new updates for the era of COVID-19 and globalized infectious diseases. **Human vaccines & immunotherapeutics**, v. 16, n. 11, p. 2586-2593, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21645515.2020.1780846>. Acesso em: 05 mar. 2021.

SAITA, Hanae Santos. Os movimentos antivacinais e a recusa das vacinas: uma revisão integrativa. 2019.

SATO, Ana Paula Sayuri. What is the importance of vaccine hesitancy in the drop of vaccination coverage in Brazil?. **Revista de saude publica**, v. 52, p. 96, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/152007>. Acesso em: 23 fev. 2021.

SHIMIZU, Natiely Rallo. Movimento Antivacina: A memória funcionando no/pelo (per) curso dos sentidos e dos sujeitos na sociedade e-urbana. Revista do EDICC-ISSN 2317-3815, v. 5, 2018. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5963>. Acesso em: 23 fev.2021.

SOUZA, Ilda Maria Fonseca Guedes; LOPES, Larissa Wellen Zane. A importância da vacinação-concepção e conhecimento entre estudantes do ensino médio, 2021. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/7348>. Acesso em: 23 fev.2021.

VILELAS, José Manuel da Silva. O novo coronavírus e o risco para a saúde das crianças. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/178130>. Acesso em: 23 fev. 2021.